



AS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS E O PROTAGONISMO ECONÔMICO DAS MULHERES AGRICULTORAS



**AS CADERNETAS
AGROECOLÓGICAS
E O PROTAGONISMO
ECONÔMICO DAS
MULHERES
AGRICULTORAS**

Autores

Lilium Telles
Nayara Lopes de Castro
Alair Ferreira de Freitas

Revisão

Wanessa Marinho

Produção Editorial

Wanessa Marinho

Projeto Gráfico e Diagramação

Rodrigo da Silva Teixeira

Ilustrações

Oswaldo Santana

Fotos

Acervo do Projeto e do CTA-ZM

Tiragem

500 exemplares

Esta é uma publicação realizada com recursos da Chamada
CNPq/MCTIC/MDS nº36/2018 - Tecnologia Social, Projeto nº 443195/2018-8

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Telles, Lilium

As cadernetas agroecológicas e o protagonismo econômico das mulheres agricultoras / Lilium Telles, Nayara Lopes de Castro, Alair Ferreira de Freitas. -- 1. ed. -- Viçosa, MG : Editora Asa Pequena, 2021.

ISBN 978-65-992975-3-3

1. Agricultura 2. Agricultura familiar 3. Agroecologia 4. Tecnologia I. Castro, Nayara Lopes de. II. Freitas, Alair Ferreira de. III. Título.

21-54751

CDD-630

Índices para catálogo sistemático:

1. Agricultura familiar 630

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Índice

APRESENTAÇÃO | 6**O QUE SÃO AS CADERNETAS E COMO UTILIZÁ-LAS | 8**

Passo 1 – Sensibilização | 11

Passo 2 – Capacitação para o uso da metodologia das Cadernetas Agroecológicas | 11

Passo 3 – Preenchimento das Cadernetas Agroecológicas | 12

Passo 4 – Animação | 12

Passo 5 – Coleta e sistematização dos dados | 12

Passo 6 – Aplicação e envio dos questionários de caracterização socioeconômica | 13

Passo 7 – Mapa da Sociobiodiversidade e da divisão sexual do trabalho | 14

Passo 8 – Análise e reflexão coletiva dos dados | 15

AS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS EM VIÇOSA | 17

Quem são as agricultoras agroecológicas envolvidas? | 19

O QUE AS ANOTAÇÕES NAS CADERNETAS NOS MOSTRARAM? | 20

A contribuição das mulheres para a economia e a segurança alimentar e nutricional | 20

LIÇÕES APRENDIDAS | 25**REFERÊNCIAS | 26****PARA SABER MAIS | 27**

Apresentação

Historicamente os livros de economia, as políticas públicas e até mesmo o senso comum marginalizaram as mulheres nos processos econômicos, como se produzir e gerar renda não fossem papel delas e, sim, dos homens. Culturas machistas e patriarcais construíram o entendimento de que o lugar das mulheres é apenas na esfera doméstica, no cuidado com a casa, e dos homens, na produção. No meio rural isso é intensificado e pouco se conhece e se revela sobre o papel econômico das mulheres. Esse entendimento, além de ser um grande equívoco, invisibiliza a densa vida econômica das mulheres, que manejam cotidianamente inúmeras atividades econômicas, sejam elas remuneradas ou não.

O problema aumenta ainda mais porque um equívoco leva a outro e assim somos levadas (os) a acreditar que atividade econômica se resume em dinheiro. Economia, na verdade, não se restringe a geração de recursos financeiros por meio da venda de algum produto, mas do conjunto de ações que as famílias empreendem para garantir e manter suas condições de vida. Portanto, mesmo que os produtos não sejam destinados à venda, mas sim ao consumo da família, à troca ou doação em uma comunidade, ali está a realização da economia. E as mulheres assumem importante papel para manter a vida no campo, desde seu trabalho doméstico e de cuidado da família, até seu intenso trabalho de produção e preparação de alimentos, mesmo que não sejam destinados à venda.

Foi com o objetivo de revelar essa “economia das mulheres agricultoras” e destacar sua importância que a Caderneta Agroecológica foi criada. Costumamos dizer que ela é um instrumento político e pedagógico para dar visibilidade ao trabalho das agricultoras familiares rurais e urbanas, por meio do registro e monitoramento da produção econômica (monetária e não monetária) sob responsabilidade dessas mulheres. Ou seja, com a caderneta conseguimos mensurar e explicitar o trabalho das mulheres agricultoras e as suas contribuições para a economia familiar e a segurança e soberania alimentar, ao mesmo tempo em que incentiva a autonomia das agricultoras. Quando as mulheres anotam na caderneta e percebem todo o trabalho que



Seminário Nacional “Feminismo e Agroecologia: repensando a economia a partir das Cadernetas Agroecológicas” (Recife-PE)

realizam, elas têm muito mais certeza da sua importância para a família e comunidade.

A Caderneta Agroecológica foi criada pela ONG Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) em parceria com o Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas (MMZML) e ganhou o Brasil por meio do Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT Mulheres da ANA) e da parceria com as seguintes redes e movimentos que o compõem: Rede de Mulheres Empreendedoras Rurais da Amazônia (RME-RA), Rede de Mulheres Produtoras do Nordeste (RMPNE), Movimento de Mulheres Camponesas e Grupo de Trabalho de Gênero e Agroecologia da Região Sudeste. Portanto, trata-se de um instrumento enraizado em experiências de diferentes regiões do país e na demanda de inúmeros grupos e redes que se articulam para promover a igualdade de gênero, o feminismo e o protagonismo econômico das mulheres.

Nesse livreto apresentaremos um pouco da história das Cadernetas Agroecológicas, o passo a passo para a sua utilização e como elas foram aplicadas no município de Viçosa (MG), a partir do projeto CNPQ/Tecnologia Social No. 443195/2018-8, aprovado na Chamada CNPQ/MDS/MCTIC 36/2018.

Vem com a gente conhecer esse instrumento poderoso para a autonomia das mulheres!!!

O que são as Cadernetas e como utilizá-las

Muitas agricultoras não compreendem o quanto são fundamentais para a economia e não conseguem demonstrar e quantificar o que produzem e como contribuem para suas famílias e comunidades. Nesse sentido, a Caderneta Agroecológica é um instrumento para mensurar o trabalho das agricultoras e, assim, oportunizar a elas sistematizarem e reconhecerem sua importância econômica.

Qtd	Consumiu		Doou		Trocou		Vendeu	
	RS	Out	RS	Out	RS	Out	RS	Out
5	1,50		2	1,00	1	1,00	1	1,50
5	1,50		2	1,00	1	1,00	1	1,50
10	1,50		1	1,50			1	1,50
2	1,00		1	2,00			2	1,00
1	1,00		8	1,50				
2	1,00		1	1,50				
3	1,00		1	1,50				
5	1,00		6	1,00				
1	1,00		2	1,00				
1	1,00		2	1,00				
10	1,50		1	1,50				
30	1,50		1	1,50				
3	1,50		1	1,50				
3	1,50		1	1,50				

Apresentada em um formato simples, a caderneta está organizada em quatro colunas, nas quais são registradas a produção das mulheres e tudo o que foi (i) consumido, (ii) doado, (iii) trocado ou (iv) vendido. Trata-se, portanto, de destinos dados à produção das mulheres que envolvem transações monetárias e não monetárias. Ou seja, apenas uma coluna está relacionada à troca de produto por dinheiro (a coluna "vendeu"), reconhecendo que a economia é muito mais do que o mercado.



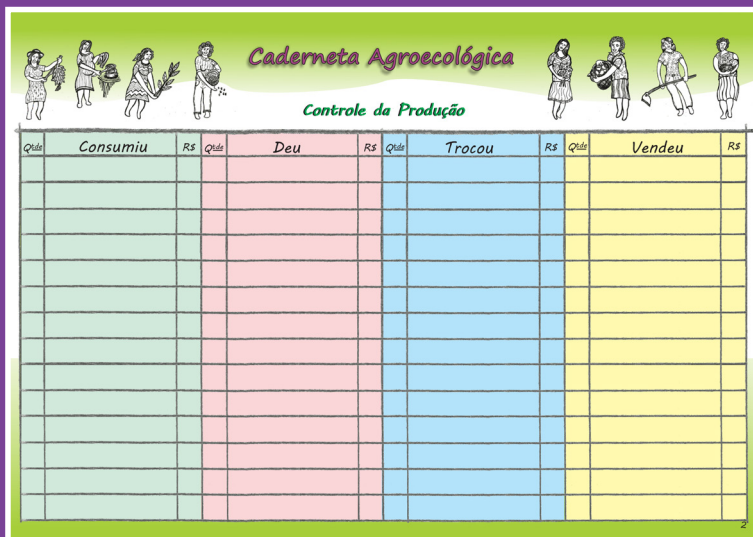
A Caderneta tem também o formato de um caderno em espiral, que pode ser pendurado em local de fácil acesso, para garantir a agilidade e regularidade na anotação das informações pelas próprias mulheres. E além de tudo o que é cultivado nos espaços de domínio das mulheres nas propriedades da agricultura familiar e camponesa, elas devem anotar também o que produziram, como artesanato e beneficiamento.

Embora seja menos comum, em alguns casos ainda é possível anotar nas cadernetas os serviços prestados pelas agricultoras. Quando isso ocorre, a orientação é que os serviços agrícolas ou não agrícolas vendidos no mercado de trabalho sejam anotados na coluna de "venda". Já os serviços doados e trocados podem ser anotados nas respectivas colunas de "doação" e "troca". E se as agricultoras quiserem anotar o trabalho doméstico e de cuidados feito por elas para a família, podem anotar na coluna referente ao "consumo".

Assim, a Caderneta pode se tornar um eficiente instrumento de monitoramento da produção das mulheres, valorando a sua produção quase invisível para o autoconsumo, troca com vizinhas, doação para a escola, festas comunitárias e filhos que vivem na cidade e, por fim, a produção para a venda. Mas ela não se limita apenas a um documento de anotação dos produtos, pois se trata de uma metodologia, de um processo do qual a anotação é uma das etapas.

A Figura mostra como a Caderneta é organizada. Em cada coluna são anotadas as informações referentes ao tipo de produto, à quantidade e ao valor monetário do que é produzido pelas agricultoras. As anotações devem ser feitas diariamente, indicando o mês de referência em cada página. Devem ser anotadas informações da produção realizada nos diferentes espaços de trabalho e experimentação desenvolvidos pelas mulheres nos seus agroecossistemas e contextos socioambientais.

Perceba que, mesmo que um produto não tenha sido vendido, o seu valor monetário deve ser anotado. Isso é feito a partir de uma estimativa, que a própria mulher deve realizar, registrando o preço dos produtos como se eles fossem destinados à venda. Essa ação é importante para mostrar o valor monetário total da produção das mulheres e visibilizar também o conjunto de produtos que não foi vendido, mas que contribuiu efetivamente para toda a família ou comunidade.



Caderneta Agroecológica										
Controle da Produção										
Qtd	Consumiu	Rs	Qtd	Deu	Rs	Qtd	Trocou	Rs	Qtd	Vendeu

Página de anotações da Caderneta Agroecológica

Vamos conhecer o passo a passo para o uso da Caderneta Agroecológica?

Passo 1 – Sensibilização



Nesta etapa podem ser realizadas oficinas e outras atividades coletivas para sensibilizar as agricultoras e técnicas das organizações de assessoria sobre a importância de sistematizar e visibilizar a contribuição das mulheres para a reprodução dos agroecossistemas e para a agroecologia. É importante conversar com as agricultoras e técnicas sobre as desigualdades de gênero, para entender o motivo do trabalho das mulheres ser tão invisibilizado na sociedade e de, muitas vezes, não ser reconhecido como trabalho.

Passo 2 – Capacitação para o uso da metodologia das Cadernetas Agroecológicas

Após a etapa de sensibilização e com as organizações convencidas da importância de olhar para o trabalho e a produção das mulheres, é fundamental realizar a capacitação das (os) técnicas (os) e agricultoras para o uso das cadernetas e para a coleta e sistematização das informações.

É necessário fazer um encontro das mulheres agricultoras e técnicas que participarão do processo, para se conhecerem e definir coletivamente a estratégia de distribuição das cadernetas (por comunidades, territórios, municípios, grupos e/ou associações de mulheres) e a quantidade de cadernetas que serão sistematizadas.

Nesse momento é muito importante fazer o exercício de anotação nas cadernetas junto com elas, pois é praticando que se aprende!!! Aqui as (os) técnicas (os) e agricultoras terão a oportunidade de tirar dúvidas sobre como usar a caderneta, fazer as anotações, atribuir preço aos produtos e realizar o somatório dos valores! Uma sugestão é que tenha mais de uma agricultora por comunidade ou grupo anotando nas cadernetas, pois juntas elas se animam, tiram dúvidas e ajudam uma à outra.



Nesta etapa são feitos também os acordos em relação aos prazos e à dinâmica de trabalho com as cadernetas em cada local. Também é importante conversar sobre o processo de coleta e sistematização dos dados que, normalmente, fica por conta das (os) técnicas (os) que farão o acompanhamento das agricultoras (falaremos mais sobre isso no Passo 5).

Passo 3 – Preenchimento das Cadernetas Agroecológicas



As cadernetas devem ser preenchidas pelas próprias agricultoras, com caneta ou lápis (bem forte, para facilitar a leitura na hora da tabulação dos dados). O ideal é que preencham as cadernetas diariamente, para não esquecer de nada. E as anotações devem ser feitas por um período de um ano, para se perceber as variações da produção, de acordo com as estações do ano, ou em função de outras coisas que podem acontecer: uma festa na comunidade que aumenta a demanda de determinado produto, um problema de doença na família etc. Caso necessitem de apoio, outros membros da família (de preferência filhas/os), uma vizinha ou a assessora técnica podem ajudar.

Passo 4 – Animação

A etapa de animação é muito importante, para que as agricultoras mantenham o ritmo de anotações ao longo do tempo. A equipe técnica que auxilia no monitoramento das cadernetas deve organizar momentos de reflexão com as agricultoras em seus grupos ou comunidades, além de realizar encontros e eventos que integrem as mulheres participantes de outras comunidades. Assim, é possível somar os conhecimentos, as percepções e vivências de cada uma, para que se fortaleçam coletivamente.

Passo 5 – Coleta e sistematização dos dados

Na atividade de capacitação, que é o Passo 2, foi definida uma dinâmica para a coleta e sistematização dos dados. Nos dias combinados (de preferência uma vez por mês), as mulheres levam suas cadernetas e a assessoria técnica tira fotos das páginas



com as anotações. É importante verificar se as imagens estão legíveis. Depois, normalmente no escritório, é feita a etapa de sistematização dos dados, em diálogo com a equipe do CTA-ZM. Um trabalho importante que deve ser feito pelas (os) técnicas (os) é padronizar as unidades de medidas, já que é comum que elas sejam muito variadas (molho, pés, sacas etc.), dependendo do tipo de produtos e da comunidade. Assim, precisamos converter a diversidade de medidas encontradas nas comunidades em medidas universais equivalentes (quilograma, litro, unidade etc.).



A sistematização é feita organizando os dados das cadernetas numa planilha que possibilitará gerar gráficos e tabelas para posterior análise. Para facilitar o processo de sistematização, o CTA-ZM está desenvolvendo uma plataforma digital que, quando pronta, permitirá à/ao usuária/o gerar relatórios e gráficos automaticamente!



Passo 6 – Aplicação e envio dos questionários de caracterização socioeconômica

O Questionário de Caracterização Socioeconômica serve para levantar informações sobre o perfil socioeconômico e de participação política das mulheres agricultoras. Essa caracterização contribui para compreender a realidade das mulheres e, assim, perceber particularidades que estimulam ou limitam a sua produção e a geração de renda. Está organizado em 11 seções, onde a primeira traz os dados básicos das agricultoras como nome, endereço telefone, data de nascimento, estado civil, escolaridade, raça/cor. As demais seções contêm dados sobre a composição da família, acesso à terra, acesso aos bens naturais, às políticas públicas, aos mercados; informações sobre as fontes de renda da família e a organização econômica e participação social das agricultoras.

As perguntas devem ser respondidas unicamente por elas, em momentos específicos, de preferência sem a participação de outros membros da família, para não inibir as agricultoras. O ideal é que elas estejam sozinhas e num ambiente de tranquilidade, sem tarefas domésticas ou preocupações.

Passo 7 – Mapa da Sociobiodiversidade e da Divisão Sexual do Trabalho

Essa etapa é complementar à aplicação dos Questionários de Caracterização Socioeconômica. Aqui queremos entender a organização do trabalho no agroecossistema, saber em quais espaços as mulheres realizam o seu trabalho, evidenciar o olhar e a percepção que as agricultoras têm sobre o agroecossistema familiar e quais são os papéis protagonizados por elas, revelando sua importância para a economia familiar. Muitas vezes o trabalho realizado pelas mulheres é considerado apenas como uma “ajuda”. O mapa da sociobiodiversidade dá visibilidade aos diferentes tipos de trabalho realizados pelas agricultoras e a sua produção.



Na primeira etapa desta atividade as mulheres devem fazer um desenho ou mapa do seu agroecossistema o mais detalhado possível, incluindo todos os espaços, plantios, criação animal e infraestruturas. A casa, o paiol, a cisterna, o galinheiro, chiqueiro e outros animais, os diferentes tipos de alimentos, plantas medicinais, frutas, árvores nativas, sementes etc., tudo deve aparecer no mapa. É fundamental que, neste momento, as agricultoras expressem a sua percepção sobre os seus espaços de trabalho. Depois de desenhado o mapa, é importante fazer uma lista com tudo o que se lembrar, de espécies animais e vegetais que sejam manejadas no agroecossistema.

A segunda etapa da atividade é que nos ajuda a entender a divisão do trabalho na família. Para isso, as agricultoras devem anotar com um símbolo, os lugares onde ela trabalha e onde os demais membros da família trabalham, fazendo esta divisão entre homens e mulheres. Assim será possível perceber que, na maior parte das vezes, as mulheres



estão trabalhando em praticamente todos os lugares e os homens acabam se concentrando em apenas algumas atividades. As tarefas domésticas, por exemplo, de arrumar a casa, cozinhar, lavar roupa, lavar louça etc. normalmente são acumuladas apenas pelas mulheres e o Mapa da Sociobiodiversidade e da Divisão Sexual do Trabalho dão visibilidade a isso, reforçando a importância do trabalho das mulheres para a família e, muitas vezes, a sobrecarga das agricultoras. O mapa abaixo dá uma ideia de como isso pode ser feito:



Passo 8 – Análise e reflexão coletiva dos dados

Após o processo de sistematização, são gerados os gráficos e tabelas para serem apresentados às pessoas envolvidas no trabalho, especialmente as agricultoras, técnicas (os) e parceiros locais. Este é um momento importante para a validação e discussão dos resultados, além das correções ou ajustes nos dados encontrados e as reflexões sobre o que as cadernetas estão mostran-



do: a contribuição das mulheres para a economia, para a conservação da sociobiodiversidade e para a segurança alimentar das famílias e de suas comunidades.

Nesta fase é recomendável organizar um seminário, uma oficina ou um intercâmbio na casa de alguma das agricultoras envolvidas, para apresentar os dados e criar um ambiente favorável para as reflexões que possam surgir. Estes momentos de análises devem ser planejados exclusivamente para isso, pelo menos a cada 6 meses. Mas quanto mais frequentes, melhor! Dessa forma há um maior envolvimento das agricultoras na leitura e interpretação dos dados, o que pode contribuir para algumas mudanças que elas julguem necessárias.

Após a validação coletiva dos dados, nos perguntamos:

- **Essa era uma realidade conhecida por todas (os)?**
- **Os dados nos permitem olhar o agroecossistema ou a comunidade de forma distinta e construir novas estratégias para seu desenvolvimento?**
- **É possível transformar as relações dentro e fora da família, de maneira que as mulheres sejam reconhecidas por seu trabalho?**
- **É possível reorganizar o trabalho na família para que as mulheres não fiquem sobrecarregadas?**

A partir das análises e reflexões coletivas dos dados, o próximo passo é fazer estas reflexões na família, na comunidade, dentro das organizações participantes e coletivos envolvidos. A proposta da Caderneta Agroecológica é revelar a realidade econômica das mulheres e, a partir disso, refletir sobre a condição e a autonomia das agricultoras.



As Cadernetas Agroecológicas em Viçosa

No município de Viçosa (MG), as atividades envolveram mulheres de três comunidades rurais: a comunidade remanescente de quilombo Buieieí, o Córrego dos Nobres e o Pau de Cedro. Ao todo foram 25 agricultoras envolvidas na pesquisa, mas apenas 13 responderam o Questionário de Caracterização Socioeconômica (QCS). Em função das medidas de segurança para o enfrentamento à COVID-19, só foi possível coletar e sistematizar os dados referentes às anotações das agricultoras e à aplicação do QCS no período de maio de 2019 a março de 2020. Ao longo da execução do projeto, além do acompanhamento às agricultoras para o registro nas cadernetas, também foram realizadas oficinas, visitas de intercâmbio e trocas de experiências a partir das demandas apresentadas por elas.





Quem são as agricultoras agroecológicas envolvidas?

Entre as 13 agricultoras que responderam o QCS, a média de idade é de 49 anos e a maioria (9) declarou morar com cônjuge e filhas (os), enquanto 4 declararam morar somente com filhas (os) ou somente com pai e mãe. Além disso, 8 são casadas, 1 está em união estável, 2 são separadas e 2 são viúvas. Dentre as casadas ou em união estável, 6 mulheres relataram que o cônjuge participa do trabalho doméstico, apesar de serem as principais responsáveis (92%) pelas atividades domiciliares. Todas as agricultoras têm filhas (os) e a média é de 4 filhas (os) por agricultora.

Em relação à cor ou origem étnica, 5 mulheres se autodeclararam pardas, 5 pretas, 2 se declararam quilombola e houve 1 caso em que a mulher se autodeclarou preta e quilombola. Pela classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), isso significa que a totalidade das agricultoras pode ser considerada de mulheres negras.

Em relação às identidades socioculturais, no Buieié todas as mulheres se declararam quilombolas; no Córrego dos Nobres 3 se declararam agricultoras familiares e 1 se declarou quilombola; no Pau de Cedro 3 se declararam agricultoras familiares e 2 não se identificaram com nenhuma das opções. A maior parte das mulheres possui o ensino fundamental completo (6 mulheres) ou incompleto (5 mulheres). Somente duas agricultoras da comunidade quilombola do Buieié possuem ensino superior incompleto, que foi possível em função da Bolsa Permanência (política de fomento à educação para jovens quilombolas e de povos e comunidades tradicionais).

No que diz respeito ao acesso a mercados, observa-se que há um predomínio da comercialização de alimentos em circuitos curtos: 8 mulheres relataram comercializar seus produtos, sendo que destas, 4 realizam vendas “de porta em porta” e 4 se dividem entre venda na comunidade e venda em casa. Em apenas 1 caso a agricultora não participa da venda e nem cuida do dinheiro da comercialização. Nos espaços de organização sociopolítica, 12 mulheres sinalizaram que participam da igreja e, dessas, 5 exercem cargo de liderança. Além disso, 2 mulheres também participam e exercem cargo de liderança no sindicato, e 1 delas em uma associação.

O que as anotações nas Cadernetas Agroecológicas nos mostraram?

As Cadernetas Agroecológicas evidenciaram a contribuição das agricultoras para a economia familiar e comunitária e para a segurança alimentar e nutricional. A sua contribuição econômica é realizada com o dinheiro da venda de produtos e serviços, e quando não precisam adquirir no mercado os alimentos que produzem em casa. No entanto, esta contribuição não monetária foi didaticamente convertida em moeda para permitir a visualização de sua contribuição econômica.

A contribuição das mulheres para a economia e a segurança alimentar e nutricional

Ao longo dos 10 meses de anotações foram registrados, no total, 135 produtos diferentes manejados pelas agricultoras, com um valor monetário equivalente de aproximadamente R\$18.000,00 (dezoito mil reais), divididos entre as quatro categorias (consumo, doação, troca e venda), como mostra a Figura 1, abaixo.

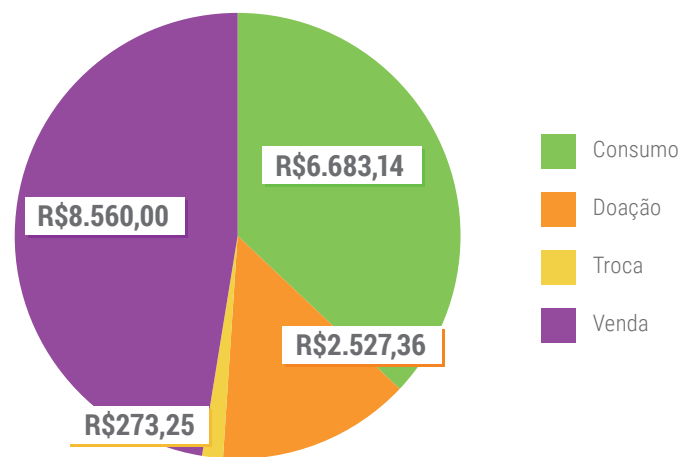


Figura 1 - Valor total da produção por relação socioeconômica

A parcela mais expressiva das anotações se refere à venda de produtos (47%). Posteriormente, o maior montante de anotações foi de produtos consumidos (37%), seguido das doações (14%) e trocas (2%). Estas proporções são similares entre as comunidades como mostra a Figura 2. Elas demonstram a importância das mulheres na geração de renda e na produção de alimentos para o consumo da família.

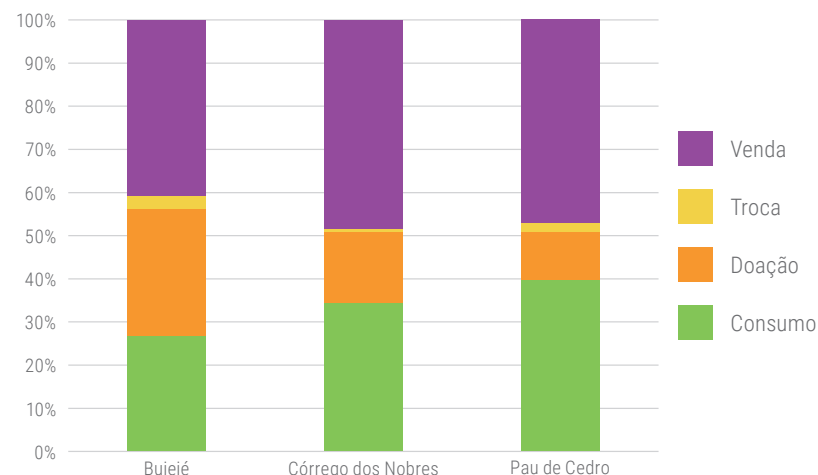


Figura 2 - Porcentagem da produção por relação socioeconômica por comunidade

Na comunidade quilombola do Buieié, a produção destinada à doação é a segunda mais reportada, diferentemente das outras comunidades em que, depois das vendas, os produtos consumidos são os mais expressivos. Isso demonstra a importância do trabalho das mulheres para a segurança alimentar e nutricional de outras famílias no nível comunitário. É por meio das relações de reciprocidade que, em muitas comunidades rurais, o acesso ao conhecimento, aos alimentos, serviços e infraestrutura é possível, pois provavelmente boa parte das famílias não teria condição de acessá-los se fossem adquiridos apenas no mercado ou ficassem à espera de políticas públicas.

Na Figura 3 apresenta-se a porcentagem de participação da produção por grupo de produto em cada comunidade, excluindo-se os serviços, que serão

analisados mais adiante. Isso mostra o relevante papel das mulheres para a garantia do acesso à alimentação adequada e saudável¹ e, ao mesmo tempo, reforça a ideia de que a produção das mulheres é orientada por outras lógicas, não só pelo mercado.

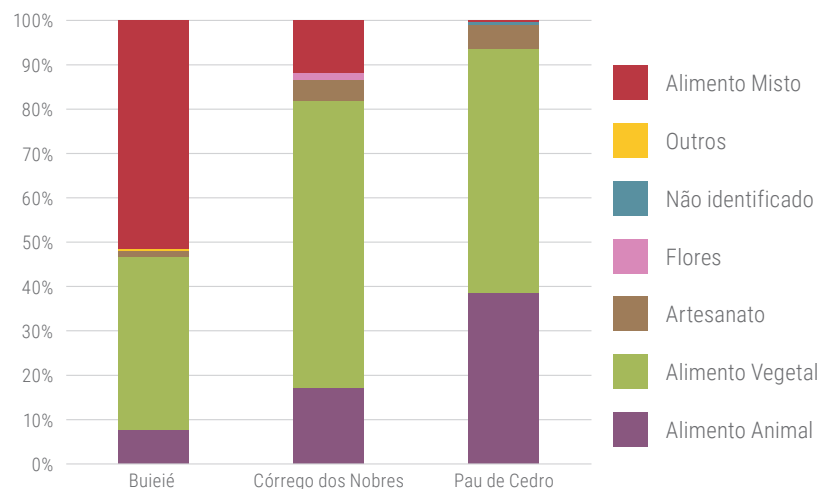


Figura 3 - Porcentagem da produção por grupo de produto por comunidade

Percebe-se que os grupos de produtos possuem relevâncias diferentes quando observado o total de produtos anotados nas Cadernetas Agroecológicas. Por exemplo, na comunidade Buieié, mais da metade da produção reportada foi de alimentos mistos que dizem respeito, em sua maioria, a alimentos beneficiados², como bolos, roscas, dentre outros. Já no Córrego dos Nobres e Pau de Cedro este grupo possui baixa participação na produção total, que

¹ O acesso à alimentação adequada e saudável se configura em uma das dimensões do conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) adotado no Brasil. O artigo 3º da LOSAN (Lei Orgânica de SAN) define a SAN como “a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis”.

² Optou-se por classificar os alimentos como beneficiados, pois não foi possível analisar a composição dos mesmos, inviabilizando sua classificação segundo o grau de processamento, conforme preconiza o Guia Alimentar para a População Brasileira.

é composta principalmente por alimentos de origem vegetal e animal (este último especialmente no Pau de Cedro). Os artesanatos também aparecem com certa frequência nestas duas comunidades.

A inclusão dos serviços na divisão dos grupos de produtos mostra outro aspecto da dinâmica socioeconômica das comunidades, como ilustrado na Figura 4. É notório que, no município de Viçosa, o setor de serviços não agrícolas, especialmente o trabalho informal na realização de faxina para o público universitário, é uma alternativa econômica importante para as mulheres. Isso se refletiu nas cadernetas de algumas agricultoras, como observado na Figura 4, abaixo.

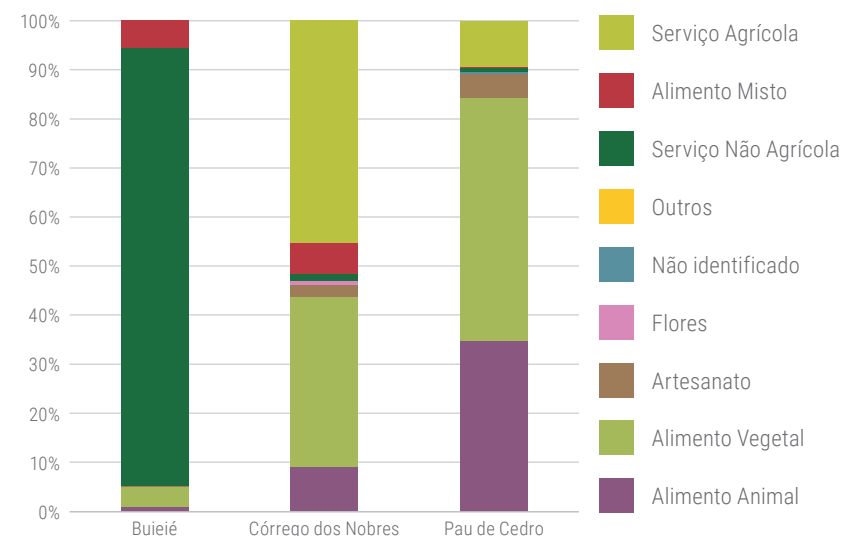


Figura 4 - Porcentagem da produção por grupo de produto por comunidade

Na comunidade do Buieié, os serviços não agrícolas correspondem a aproximadamente 90% do valor monetário de todas as anotações e se referem basicamente ao trabalho de diarista realizado por uma das agricultoras. Este dado, no entanto, não serve para extrapolação uma vez que o conjunto de agricultoras que adotaram as Cadernetas Agroecológicas é pequeno, se comparado ao universo de pessoas que residem na comunidade.

Por outro lado, no Córrego dos Nobres e Pau de Cedro, os serviços agrícolas foram reportados nas cadernetas, resultando em importante contribuição econômica, como ilustra a Figura 5.

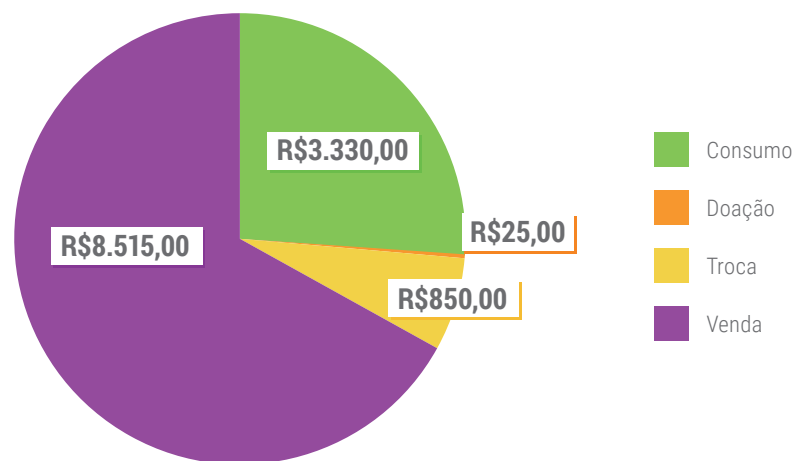


Figura 5 - Valor dos serviços por relação econômica

Ao analisar estes dados, percebe-se que, assim como ocorre com os produtos reportados pelas agricultoras, os serviços vendidos no mercado de trabalho tiveram o maior valor comparativamente àqueles consumidos, doados ou trocados. Entre os serviços consumidos, doados ou trocados foram reportados a faxina em casa, diária de serviço agrícola doada ou trocada com outras pessoas e a realização de tranças nos cabelos das mulheres negras (com objetivo estético e também como forma de reconstrução da identidade sócio histórica e cultural nas comunidades quilombolas).

Dada a questão da subnotificação, em especial da produção econômica não monetária nas Cadernetas Agroecológicas, e ainda ao fato deste instrumento não ter sido pensado para o registro dos serviços prestados pelas agricultoras, é evidente que este conjunto de trabalhos mercantis e não mercantis registrados refere-se a apenas uma parte do trabalho realizado pelas mulheres. Ainda assim, possibilitou demonstrar um conjunto de atividades realizadas pelas agricultoras, de importância econômica para as famílias e para as

comunidades. Não fossem as anotações nas Cadernetas Agroecológicas estas atividades continuariam invisibilizadas às mulheres, às suas famílias e à sociedade em geral.

Lições Aprendidas

Os dados confirmam que o trabalho das mulheres produz uma diversidade de alimentos, produtos e serviços agrícolas e não agrícolas, reforçando sua contribuição para a economia, como também para a segurança e soberania alimentar das famílias. Apesar dos resultados terem destacado o trabalho produtivo, precisamos enfatizar que, perceber a economia das mulheres, desde uma perspectiva feminista e substantiva, é considerar também todas as formas de trabalho realizadas por elas e que são necessárias para a sustentabilidade da vida.

Essas mulheres são centrais na diversificação de estratégias econômicas para garantir a geração de renda para a família. E este papel que elas exercem também possibilita o acesso a alimentos, produtos e serviços por pessoas de seus grupos familiares ou por outras famílias da comunidade.

Para as agricultoras de Viçosa, vender a força de trabalho no mercado, por meio da prestação de serviços agrícolas e não agrícolas, é um componente importante para a sua produção econômica e para o sustento da família, embora reforce uma condição mais precária de acesso aos direitos trabalhistas. **Esse aspecto revela também a intensidade da vida econômica das agricultoras, que articula diversas formas de trabalho, produtivos e reprodutivos, quase sempre implicando em sobrecarga para elas.**

Além de venderem serviços, aportam seu trabalho na produção agrícola para a família e para a venda nos mercados locais, mas também são as responsáveis pelos trabalhos de cuidado (preparar as refeições, arrumar a casa, lavar e passar roupas etc.).



As mulheres são centrais para a economia e assumem papel estratégico para a sustentabilidade da vida.

A contribuição das mulheres rurais, sobretudo a das agricultoras agroecológicas, apesar de pouco reconhecida, é fundamental, portanto, para toda a sociedade. A Caderneta Agroecológica tem ajudado a revelar isso. Mas precisamos, sempre, pautar a igualdade de gênero e a autonomia econômica das mulheres para construir economias mais justas e equitativas e sociedades mais inclusivas e democráticas.

Referências

CARDOSO, E. et al. Guia metodológico da Caderneta Agroecológica. Recife: FIDA, 38p. 2019.

Para saber mais

Mais informações sobre projetos e ações realizados com as Cadernetas Agroecológicas você encontra na biblioteca do site do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM):



<http://bit.ly/CTA-cadernetas>

Esta é uma publicação realizada com recursos da Chamada CNPq/MCTIC/MDS nº36/2018 - Tecnologia Social, Projeto nº 443195/2018-8

APOIO:



MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES



PARCEIROS:



GT
Mulheres
da ANA



9 786599 29753 3